Ponto Zero

Larissa Marques

a quem ama, amou e amará...

me abril

como quem chove nas pedras
mas hei de achar cura para o mal
que confessou ao pé do meu ouvido
é sua mentira perfeita que me quebra

já não fecho os olhos quando
me ama e quando me cega
queria eu ser pega no medo
que arfa a venta e cessa a fala

não rezo mais e estou presa
nos seus dedos contas do terço
que já não expiam-me devoção
aqui atolo-me nas heresias tolas

o reflexo do olho ingratidão
de conjugação oposta ao sim
créditos não me compram mais
só contas de lágrimas vazias

distante e tão perto me faz elegias
e tento respondê-las num ato falho

mas encontro-me só e tão vazia

tento me afastar desse tormento
orei meu abismo aos bárbaros
e eles ainda riram de mim

e se ainda consegue me ver
mate-me com ódio e fúria
que não quero mais nada de nós.

prenda

nesse pano de bordar
cosi seu nome com o meu
dolo amar

foi o fastio dos cinco segundos
do giro, da vertigem
dos sentidos bordados

a bainha tão bem costurada
que mal cede
ao desencanto

teci esse viés em minha saia
que são de terças as tardes
que sonho.

o homem

é a sua voz que entoa
uma canção módica
quase desolada
essa fala levântica que me move
ecoa em minha lembrança ancestral
traz espera úmida

quem há de afagar a pedra
ou pautar ilusões esquálidas?

quem olharia esse homem rígido
sem percebê-lo esboço mítico?

olhai o cavaleiro cérico
que ainda hoje se esconde
que descende de índios e mouros
cavalga a essência da terra
numa tranquilidade áurea
submersa na chuva fina e suave
é a matéria do artífice.